

UM JESUÍTA ENTRE KANT E HEGEL

Entrevista com o Prof. Dr. Georg Sans

A JESUIT BETWEEN KANT AND HEGEL. AN INTERVIEW WITH GEORG SANS

Por **Delmar Cardoso**

Georg Sans nasceu na região de Frankfurt, Alemanha, em 1967, e desde 2004 trabalha na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), em Roma, Itália. Faz parte do quadro de professores da faculdade e ensina História da Filosofia Contemporânea na graduação. Porém, o interesse de suas pesquisas se concentram principalmente nas filosofias de Kant e Hegel. Entre 1996 e 1999 fez sua tese de doutorado na Humboldt Universität de Berlim, cujo título foi "A ontologia de Kant é naturalística?" A tese consistiu numa pesquisa sobre a *Crítica da razão pura*, de Kant. Na mesma universidade fez a *Habilitation* — a qual pode ser considerada um segundo doutorado —, intitulada "A realização do conceito", cujo foco foi a doutrina hegeliana do silogismo. No entanto sua formação filosófica remonta aos anos em que fez sua graduação em filosofia na Faculdade Jesuíta de Frankfurt (Sankt Georgen), onde permaneceu entre 1986 e 88. Na Universidade Gregoriana, fez sua graduação em teologia e mestrado em filosofia (1989-94). Entrou na Ordem Jesuíta já como sacerdote em 1995. Na FAJE, em agosto de 2011, o professor Georg Sans deu um minicurso sobre a *Crítica da Razão Prática* e uma palestra sobre um tema de filosofia da religião em Hegel. A entrevista foi concedida neste período de suas atividades na FAJE.

Antes da Gregoriana, qual foi sua experiência de docência de filosofia?

Antes de chegar a Roma, ensinei vários cursos na faculdade de filosofia universidade pública onde me formara. Entre esses cursos estão um sobre Descartes, outro sobre o filósofo analítico Quine, mas também cursos sobre Kant e Hegel.

Conte-nos um pouco seu itinerário filosófico e como se aproximou de Kant e Hegel.

Comecei a estudar e também a me interessar pela filosofia no momento em que iniciava os estudos de teologia. Na época eu era seminarista diocesano, e como seminarista eu tive que fazer a graduação em filosofia. E desde então o meu interesse se concentrou sobre as grandes questões da metafísica: a questão de Deus, a questão da liberdade, a questão da visão que temos do mundo. Foram estas questões teóricas que me levaram a estudar novamente mais os autores clássicos, principalmente os autores da tradição da filosofia clássica alemã, pois eu acho que, seja em Kant seja em Hegel, encontra-se uma verdadeira metafísica, ou seja, uma discussão sobre a nossa visão racional do mundo.

Como Você vê Kant e Hegel? Separadamente ou tenta aproximá-los?

Eu nunca juntei Kant e Hegel. Ao contrário, eu sempre dou ou um curso sobre Kant ou um curso sobre Hegel, pois acho que há muita confusão ao tentar aproximar os dois. Mas por outro lado, considero quase impossível entender Hegel sem ter uma ideia clara a respeito da filosofia kantiana. Também acho muito difícil entender verdadeiramente o pensamento de Kant sem uma certa ideia de metafísica que eu chamaria mais racionalista, ou seja, uma metafísica como nós encontramos em Hegel. Assim, o conhecimento de um e outro desses autores pode ajudar muito a compreender melhor cada um dos dois. No entanto, cada um deles põe as questões de modo tão interessante, que não é preciso necessariamente de uma aproximação ou união de ambos para termos as discussões filosóficas que até hoje nos podem ajudar.

Fale-nos um pouco da filosofia de cada um deles.

Fique claro que não se pode falar um pouco da filosofia de Kant ou de Hegel sem cometer erros graves. Todavia, diria a respeito de Kant que ele é o grande pensador da ação e das condições do conhecimento, ou seja, com Kant aprendemos que não há um conhecimento sem condições do conhecer no próprio sujeito. Kant apresenta uma análise até hoje — acho — mais importante e mais impressionante destas condições do conhecimento da razão humana. Razão humana não no sentido de algo individual ou relativo, mas, ao contrário, no sentido de uma razão de todos os homens, universal, até o ponto de que só ele é capaz seja de compreender as leis da natureza, seja de conhecer e descobrir a lei moral. . Este é o ponto central do pensamento de Kant.

Como é mais difícil caracterizar o pensamento e a filosofia de Hegel, quero indicar somente isto: o que eu aprendi com a leitura Hegel foi discutir as questões ou as diferenças entre vários sistemas filosóficos ou metafísicos. Com Hegel se começa a comparar vários métodos de entender o nosso mundo, a relação entre mundo e Deus, a função dos nossos conceitos. A proposta do próprio Hegel que é claramente a proposta de uma unidade, a grande unidade do absoluto. Ele vende essa proposta que faz, mostrando que outros sistemas e outros tipos de metafísica têm determinados problemas inerentes que podem ser resolvidos só aceitando a metafísica unitária dele.

Como você avalia a pós-graduação em filosofia na PUG?

Quando eu mesmo decidi estudar filosofia e fazer o mestrado na Gregoriana, acho que o motivo principal foi que lá o programa dos estudos exige que estudemos dois autores clássicos. De modo que uma boa parte do estudo no mestrado consiste na preparação da prova final, para a qual se estudam textos de dois autores clássicos. No meu caso os autores foram Kant e Husserl. Estudando esses dois grandes pensadores, aprendi a verdadeiramente o pensar filosófico, não só no sentido de interpretar o pensamento dos autores, mas também para esclarecer cada vez mais as grandes questões da humanidade. Gostei muito do fato de poder concentrar-me nos autores escolhidos por mim e também de me concentrar nas grandes questões da humanidade nos dois anos em que cursei o mestrado na PUG. Até hoje as coisas são assim por lá.

Quais vantagens e desvantagens de ambiente internacional como é o da PUG?

Em relação à Gregoriana, às vezes falo que não moro na Itália nem em Roma, mas na Babilônia, por causa das muitas línguas faladas por diversas pessoas e também pela variedade das culturas. Às vezes a gente tem a impressão que ninguém entende ninguém. Mas é isso mesmo também a grande vantagem da atmosfera dos estudos em Roma, porque os estudantes que provêm de quase todos os países do mundo, de todos os continentes, das várias culturas podem não somente enriquecer o meu conhecimento e a minha visão da realidade, mas podem até pôr em questão os meus preconceitos em relação a outras tradições, em relação ao que é verdade. E assim acho a grande vantagem de um estudo num ambiente mais internacional é que abre de verdade o espírito da pessoa.

Uma dificuldade que talvez tenha que acrescentar diz respeito ao inverno europeu. Conheço muitos brasileiros que em Roma sofrem terrivelmente por causa da escuridão e do frio durante o inverno na Europa. Experimentando neste mês o inverno brasileiro, compreendo perfeitamente esse sofrimento...

Quais conselhos você dá para um estudante que inicia os estudos de pós-graduação em filosofia?

Não sei, porque cada um tem de buscar o próprio estilo de fazer filosofia. Mas talvez o meu conselho seja o seguinte: quem estuda filosofia na pós-graduação, antes de tudo, tem que ler, ler e ler. Ler os clássicos da filosofia, não para saber o conteúdo das obras, não para depois poder repetir a teoria dos clássicos, mas porque são os clássicos os que mais nos ensinaram e ensinam como pensar, como refletir, como argumentar. Então a escola maior e melhor do pensamento filosófico mesmo — acho — consiste no estudo intenso de um autor clássico. Então meu conselho é este: escolher um autor, seja Platão, seja Descartes, seja Kant, seja Hegel, um dos verdadeiramente grandes. E interessar-se pelo seu pensamento, para encontrar aí as questões e talvez as respostas filosóficas.